



Alexandre Costa Lima\*

## El Clan

**T**odas as manhãs um senhor magro, aposentado, muito sério e querido por todos na vizinhança, fazia a gentileza de varrer a frente de sua casa e das casas vizinhas, em San Isidro, bairro da classe média alta de Buenos Aires. Chamava-se Arquimedes Puccio, pertencera ao corpo diplomático argentino e também fora colaborador do regime militar argentino, de 1976 a 1983. Sua aparência rigorosa lhe dava um ar de respeitabilidade e de autoridade, o que aumentava a consideração da vizinhança.

O mais velho dos seus cinco filhos era Alejandro Puccio, jogador da seleção argentina de rúgbi e uma figura muito respeitada no mundo esportivo

portenho. Devido a isso, Alejandro frequentava a alta sociedade da cidade. Participava de festas, era capa de revistas de grande circulação, uma celebridade. Arquimedes possuía mais quatro filhos: Guillermo, Daniel, Silvana e Adriana. Sua esposa era Epifania Puccio, uma típica dona de casa dos anos setenta. A família morava em uma casa ampla, com vários quartos e com um sótão que viria a tornar-se famoso.

A ditadura argentina termina em 1983, com a posse do presidente eleito Raúl Alfonsín. Desde então, o aparelho repressivo da ditadura começou a ser desmantelado e as pessoas ligadas à repressão - os órfãos da ditadura -, inclusive Arquimedes, perderam as

suas rendas. À época da repressão, ele auxiliava os militares, delatando, prendendo, torturando e assassinando os opositores ao regime.

Arquimedes tinha protetores poderosos, mas ele não se conformou com a perda de status; tampouco enxergou que os tempos mudavam. Os seus amigos perderam o poder, mas ele ainda se considerava invulnerável e acima de qualquer suspeita. Confiava que os seus antigos protetores continuariam a acobertar os seus malfeitos e resolveu desenvolver, ocultamente, um negócio arriscado: sequestrar empresários ricos e pedir um resgate às famílias. O cativo seria no sótão da casa de San Isidro e o sequestrado passaria lá o tempo

necessário para a família providenciar o resgate. Alejandro, frequentador das casas dos ricos, escolheria a vítima e seu pai, com mais dois comparsas, realizavam a ação. Ademais, era fácil atribuir o sequestro aos grupos de esquerda ainda existentes.

Primeiro sequestraram Ricardo Manoukian e receberam duzentos e cinquenta mil dólares para liberá-lo. Em seguida, sequestram Eduardo Aulet e recebem mais cento e cinquenta mil dólares. O terceiro sequestrado, Emílio Naum, ofereceu resistência e foi assassinado. Por fim, sequestraram a empresária Nélide Prado. O que aconteceu depois? Não posso dizer, para não estragar o suspense!

Vale notar que os sequestrados eram trancafiados no sótão, de onde gritavam por socorro ou choravam copiosamente. Uma perturbação enorme, mas a família Puccio almoçava, jantava e via televisão na sala, como se nada de anormal estivesse acontecendo. Aliás, jamais comentavam qualquer coisa sobre as escandalosas atividades econômicas de Arquimedes. Aos domingos, iam à missa e conversavam com os amigos sobre trivialidades.

Em 1985, a descoberta do esquema Puccio causou uma comoção na Argentina: uma família de San Isidro cometendo essas atrocidades? Um astro do rúgbi envolvido em crimes? É revelado ao público um formidável espetáculo de violência, onde se misturavam a dissimulação e a corrupção típica das ditaduras.

Essa trama imprevisível e impen-sável choca profundamente porque vai de encontro ao senso comum. Na história dos Puccios, o verdadeiro é inteiramente inacreditável, algo que contraria a recomendação de Chaim Perelman, o pai da Nova Retórica: “o verdadeiro deve ser verossímil”. Arquimedes habilmente criou uma rede de signos artificiais de simulação e de dissimulação, mesclada aos elementos do real, cujo resultado foi a descrença

*“O clã retrata um tipo muito especial de mal: os Puccios praticam uma maldade absolutamente fria, produzida pelo cálculo, cuidadosamente desenvolvida e bem distante de uma inspiração demoníaca”*

total em relação aos crimes cometidos.

Dissimular é fingir que não se tem o que se tem, como um rico que usa um carro popular para evitar chamar a atenção de ladrões ou como alguém que se acerca de outro fingindo desinteresse para obter vantagens indevidas. Simular, por sua vez, é fingir ter o que não se tem, como o aluno que alega estar doente para faltar a uma prova ou alguém que finge uma paixão para obter favores sexuais de outro. Os Puccios simulavam ser a família perfeita, feliz e temente a Deus e dissimulavam a sua fonte de renda criminosa e violenta. Ninguém poderia imaginar e muito menos provar as atividades da família porque o eficiente jogo com os signos de honestidade e civilidade foram inercialmente absorvidos pelo senso comum dos vizinhos, pessoas “normais”.

O clã retrata um tipo muito especial de mal: os Puccios praticam uma maldade absolutamente fria, produzida pelo cálculo, cuidadosamente desenvolvida e bem distante de uma inspiração demoníaca. Um mal pensado, manipulado e desenvolvido independentemente de emoções. Esse retrato surge devido ao talento do diretor Pablo Trapero, que

durante anos pesquisou a história da família Puccio, entrevistou muita gente, buscou documentos e finalmente filmou essa película tão interessante.

A narrativa não é linear e tem muitos flashbacks que esclarecem a trama absurdamente real. A fotografia é normalmente sombria, como que retratando o mundo dessa família surpreendente. A música é muito bonita.

Não há como não refletir bastante após a sessão. As entranhas das ditaduras estão ali expostas: a impunidade, o acobertamento e a proteção ao crime. Os Puccios não eram propriamente monstros: eles apenas se aproveitaram do estado de anomia típico dos regimes de exceção. A quem tentar explicar a conduta dessa família de San Isidro, servirá uma recomendação típica da filosofia analítica: “a explicação não pode ser mais fantástica do que os fatos”.

O diretor do filme é o argentino Pablo Trapero, e que também dirigiu, entre outros, ‘Abutres’, ‘Leonera’ e ‘A família rodante’. ‘O Clã’ ganhou o Urso de Prata do Festival de Veneza, em 2015, e o Festival de Toronto, tendo sido também indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Ele está disponível no canal Now e em DVD.

\*Doutorando em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e professor da Faculdade Asces

**Título original:** El Clan  
**Distribuidor:** FOX FILMES  
**Ano de produção:** 2015  
**Idiomas:** Espanhol  
**Duração:** 110 minutos  
**Dirigido por:** Pablo Trapero